

**RECORDAR É VIVER:  
A(S) PRONÚNCIA(S) DO R FINAL  
EM CANÇÕES DO INÍCIO DO SÉCULO XX (1902-1920)**

*Karilened da Silva Xavier (UFRJ)*  
[karilened@gmail.com](mailto:karilened@gmail.com)  
*Carolina Serra (UFRJ)*  
[carolserraufjr@hotmail.com](mailto:carolserraufjr@hotmail.com)  
*Claudia Cunha (UFRJ)*  
[claudiascunha@ig.com.br](mailto:claudiascunha@ig.com.br)

Este trabalho focaliza a realização variável do R, em posição de coda silábica em final de palavra, a partir de gravações musicais do início do século XX. O *corpus* é constituído de um conjunto de canções gravadas por intérpretes do Rio de Janeiro, cujo registro foi disponibilizado pelo Instituto Moreira Salles e pelo site Cifra Antiga, com o intuito de preservar a memória da música popular brasileira. A partir dessas gravações, serão analisados a variabilidade, a manutenção e o possível apagamento do R, já que tal segmento possui várias possibilidades de realização. Como em propostas anteriores (BISOL, 2002; CALLOU & SERRA, 2012), esta análise alia o aparato teórico-metodológico da sociolinguística laboviana (LABOV, 1994) ao da teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986/2007). Para a análise do processo de variação do R, é necessário considerar o contexto em que ocorre o segmento - em coda final de palavra -, e seu tipo de realização - [+/- vibrante] e [+/- anterior]. As múltiplas realizações do R neste contexto vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea até o zero fonético. Nossa hipótese é: além de fatores linguísticos e sociais, a estrutura prosódica também desempenharia um papel no processo de diferenciação do tipo R. A partir da observação ainda assistemática do *corpus*, observa-se que 1) ocorre predominantemente a realização ápico-alveolar, considerada a forma padrão básica para a linguagem dos meios de comunicação, a variante de “maior prestígio” (CALLOU, 1983), aquela que deveria ser difundida, mas também 2) realizações posteriores do R, passando de vibrante para fricativa, atingindo altos índices de apagamento nesta posição. (SERRA & CALLOU, 2013).